

Conhecimento: um olhar epistemológico voltado à sociedade contemporânea

A sociedade contemporânea passa por um momento sem precedentes na história da humanidade, principalmente no que tange a produção de conhecimento que se traduz numa dinâmica de múltiplas relações. Todos os dias são produzidos milhares de novos artigos no mundo, portanto o conhecimento de hoje muito em breve será superado, da mesma forma que a máquina de escrever cedeu seu lugar aos processadores de texto.

Igualmente na Educação, algumas abordagens metodológicas, praticadas ainda hoje, perderam sua posição de direito conquistado. O fracasso escolar continua existindo e contribuindo para um grande contingente de pessoas abdicarem do conhecimento como se ele fosse privilégio de alguns.

A Educação como principal meio de formação humana tem de ser repensada. Não basta apenas armazenar o conhecimento de forma estanque e compartimentalizada, é preciso ir além, é preciso romper com os ultrapassados padrões de pensamento e comportamento.

Paulo Freire(1970,) faz uma crítica a educação tradicional trazendo o conceito de “Educação Bancária”, na qual o conhecimento é “depositado no indivíduo” e depois “sacado de acordo com a necessidade”. Segundo o autor, educar é mais que ensinar é dar significado ao mundo, é impregná-lo de sentido.

Até pouco tempo era consenso que a responsabilidade sobre o fracasso no processo de aprendizagem, até então voltado ao alunado, estava sendo superada. Entretanto, de forma velada e paulatina a criança e o jovem começam reconsiderar seu “status” do passado já que em nome de ditos distúrbios de aprendizagem o uso de medicamentos tem ultrapassado os limites do que pode ser chamado de bom senso. Segundo Proença(2010), o Brasil é considerado o segundo país que mais consome Ritalina no mundo, apenas perdendo para os Estados Unidos. No ano de 2000 foram vendidas 70 mil caixas e 2009 este número aumentou para 1.700.000,00 caixas.

Além disso, alega-se que crianças e jovens da sociedade contemporânea estão submetidos a um cenário de superestimulação permanente; que as salas de aula estão cada vez mais lotadas; que os salários dos professores continuam defasados; que há uma precariedade de recursos, sejam eles de ordem metodológica ou tecnológica; que o número de famílias desestruturadas é maior; que os pais ou são permissivos e ausentes, ou autoritários e agressivos e que as políticas públicas pouco fazem para a melhoria da educação.

Embora o paradigma atual implique a identificação de “culpados”, até o momento, os resultados demonstram que a “culpabilidade” não trouxe avanço, pelo contrário, o número de crianças e jovens com dificuldade de aprendizagem aumenta significativamente. Assim, entendemos que o objetivo para a solução do problema não está na “caça às bruxas”, como em uma visão maniqueísta de busca a culpados. É necessária uma atitude frente aos problemas relatados. Quem sabe começar pela assunção de responsabilidade e iniciativa, partindo daquele que tem o conhecimento do assunto àquele que escolheu estar à frente do processo de ensino e aprendizagem”: o(a) professor(o), como mediador, fazendo uso de recursos ou estratégias de mediação voltados à formação do conhecimento em um ação educativa?

Não acredito em receita pronta, acredito em reflexão, em conscientização e atitude, acredito que o Educador de verdade compreende o seu papel como formador e por isso está sempre em busca de novos conhecimentos e recursos que lhe possibilite cumprir a maravilhosa tarefa de formar o humano no homem.

Contudo, é preciso que a escola, com toda a responsabilidade que lhe cabe, ofereça suporte para que este Educador trabalhe a atualização histórico-cultural, estimulando a leitura prazerosa. Dissemine conceitos de ética e cidadania não se esquecendo de valorizar a individualidade e, principalmente, a diversidade humana, entendendo que há crianças e jovens com múltiplas habilidades esperando para serem exploradas.